

**A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA EM “MENINÃO DO CAIXOTE”, DE JOÃO ANTÔNIO.**

Luciana Cristina CORRÊA

A sinuca tematiza algumas histórias pertencentes à obra de estréia do escritor João Antônio, entre elas “Meninão do Caixote”. Narrado em primeira pessoa, o texto possui uma particularidade, conforme bem aponta Flávio Aguiar, em *Remate de Males*<sup>1</sup> (1999:115). Segundo o estudioso, a narração de primeira pessoa “se despersonaliza em terceira”, em fragmentos como o abaixo selecionado:

Meninão do Caixote... Este nome corre as sinucas da baixa malandragem, corre Lapa, Vila Ipojuca, corre Vila Leopoldina, chega a Pinheiros, vai ao Tucuruvi, chegou até Osasco. Ia indo, ia indo. Por onde eu passava, meu nome ficava.<sup>2</sup>

Como podemos observar, inicialmente, o narrador fala de seu nome e dos trajetos pelos quais a sua carreira de bom jogador torna-se conhecida, para depois se identificar como o sujeito da fala. Cumpre-nos ressaltar que esse é um dos momentos, segundo Aguiar, em que “João Antônio faz malabarismos fantásticos com o ponto de vista narrativo”<sup>3</sup>. Também no instante em que, iniciando o relato aos leitores, declara: “sem meninão do Caixote, Vitorino não se agüentava” (p. 81) temos, novamente, a despersonalização do foco narrativo.

Diante desta singularidade da voz narrativa, observamos que alguns aspectos do referido texto coincidem, em partes, com o conto-título do livro, “Malagueta, Perus e Bacanaço”.

Como Perus admira Bacanaço a ponto de elevá-lo a mestre, o narrador-protagonista Meninão do Caixote também considera o malandro Vitorino como um professor de picardias, a figura responsável pela sua iniciação no mundo da sinuca e da malandragem.

Da mesma forma que Perus, Meninão do Caixote possui uma aparente candura, própria da sua pouca idade. Quando morador de Vila Mariana, um bairro de São Paulo, brincava de carrinho de rolimã com o primo Duda. Ao mudar-se para a Lapa, numa “rua sem graça” (p. 82) e sem a companhia do antigo amigo e primo, desperta-se-lhe o interesse pelo jogo ao ver a performance do habilidoso Vitorino na sinuca. Este, mesmo despertando a atenção por seu aspecto desagradável, passa a ser admirado pelo garoto:

Porque Vitorino era um bárbaro, o maior taco da Lapa e uma das maiores bossas de São Paulo. Quando nos topamos Vitorino era um taco. Um cobra. E para mim, menino que jogava sem medo, porque era um menino e não tinha medo, o que tinha era muito jeito, Vitorino ensinava tudo, não escondia nada<sup>4</sup>.

Vitorino, diferentemente de Bacanaço - o malandro bem trajado de “Malagueta, Perus e Bacanaço” -, é descrito pelo narrador-protagonista como uma figura repulsiva, apesar das grandes habilidades como jogador profissional. Notamos que, entre os jogadores de sinuca do escritor, não é regra a boa aparência e a malandragem também pode ser representada por seres mal trajados, como o malandro Malagueta, o também apontado como jogador e alcoólatra Bruaca, personagem que dá título ao conto, inserido em *Dedo-Duro* e, o agora analisado, Vitorino:

Um homem feio, muito branco, mas amarelado ou esbranquiçado, eu não discernia, um homem de chapéu e de olhos sombreados, os olhos lá no fundo da cara, braços finos, tão finos [...]. O sujeito dos olhos sombreados, sujeito muito feio, que sujeito mais feio! No seu perfil de homem de pernas cruzadas, a calça ensebada, a barba raspada, o chapéu novo, pequeno, vistoso, a magreza completa. Magreza no rosto cavado, na pele amarela, nos braços tão finos [...]. E magreza até no contorno do joelho que meus olhos adivinhavam debaixo da calça surrada<sup>5</sup>.

A descrição acima revela que o malandro é o próprio representante das principais carências humanas. O seu aspecto físico de excessiva “magreza”, a pele amarelada quase “esbranquiçada” e os olhos sombreados, juntamente com os trajes “surrados” e “ensebados”, conforme aponta o jovem narrador-protagonista, compõem a figura como o retrato da fome e da privação.

A mãe anônima de Meninão do Caixote, pelas indicações do filho, possui o perfil de uma mulher batalhadora, exigente, séria e, sobretudo, solitária devido à ausência do marido, um caminhoneiro que permanece longe de casa e da família por períodos que variam de dois a três meses, transportando óleo para o Nordeste. Uma dona-de-casa que, ao primeiro sinal do desvio do filho, tem como única atitude o pranto, o desespero. A anterior soberania de uma mãe autoritária cede lugar a um sentimento de incapacidade, a uma sensação de perda de controle sobre o filho, levado, agora, pelas mãos da malandragem, pelas mãos de Vitorino:

Os pés de mamãe na máquina de costura não paravam [...].  
Brigas em casa, choro de mamãe. Eu não levantava a crista não.  
Até baixava a cabeça [...].  
Mamãe me via chegar, e às vezes, fingia não ver. Depois, de mansinho, eu me deitava. E depois vinha ela e eu fingia dormir. Ela sabia que eu não estava dormindo. Mas mamãe me ajeitava as cobertas e aquilo bulia comigo. Por que ia para o seu canto, chorosa.  
Mamãe, coitadinha<sup>6</sup>.

Diante dos períodos curtos apresentados acima, observamos que a rotina de jogador do jovem protagonista já se mostra como algo comum e, “aos pedaços”, ou seja, aos poucos, a

mãe adequa-se ao novo modo de vida do filho num relato que, segundo o próprio narrador-protagonista, indica uma certa freqüência. São atitudes que se repetem várias vezes, como observamos pelo uso dos verbos no pretérito imperfeito do modo indicativo.

Após ter-se tornado um dos mais conhecidos jogadores da Lapa, graças ao malandro Vitorino, Meninão do Caixote - apesar da fama e do reconhecimento de muitos parceiros de jogadas - não se mostra totalmente corrompido e entregue ao universo da malandragem e tenta, por várias vezes, abandonar a sinuca e a vida mundana à qual se havia rendido, mesmo que parcialmente. Sob esse aspecto, Vânia Maria Resende<sup>7</sup> aponta que, mesmo mergulhando no jogo, a jovem personagem não passa “para a fronteira do vício adulto”, ou seja, “a sua infantilidade não chega a se corromper” e, portanto, não se instala “em definitivo na marginalidade”. Na realidade, anseia por retornar à sua normalidade de garoto que freqüenta colégio e não mais desobedecer sua mãe. O desejo de afastar-se do ambiente da malandragem pode ser comprovado em algumas de suas reflexões:

Também não era bom ser Meninão do Caixote, dias largado nas mesas da boca do inferno, considerado, *bajulado*, mandão, cobra. Mas abastecendo meio mundo e comendo sanduíche, que sinuca é ambiente da maior *exploração*. Dava dinheiro a muito vadio, era a estia, gratificação que o ganhador dá. Dá por dar, depois do jogo. Acontece que quem não dá, acaba mal. Não custa à curriola atracar a gente lá fora [...].  
Ô divisão cheia de sócios, de nomes, de mãos a pegarem no meu dinheiro! [...].  
Estava era sustentando uma cambada, sustentando Vitorino, seus camaradas, suas minas, seus...  
Um dia mando tudo pra casa do diabo [...].  
Larguei uma, larguei duas, larguei muitas vezes o joguinho. Entrava nos eixos. No colégio melhorava, tornava-me outro, ajustava ao meu nome<sup>8</sup>. (grifo nosso)

Acima, vemos a alternância de posições como marca emblemática dos seres fictícios de João Antônio. Meninão, de “bajulado”, transforma-se em “explorado” e, neste caso, nos deparamos com uma dupla nomeação da personagem, já que de malandro passa a “otário”, simultaneamente, na partilha do dinheiro das partidas.

Ao final da narrativa, após um jogo com o malandro Tiririca, considerada entre os malandros como uma partida cara, a decisão do narrador-protagonista de parar de jogar parece alcançar seu ápice. Neste momento, a personagem se afasta do leal Perus que, mesmo derrotado numa partida e sem dinheiro, mantém, ao lado do mestre Bacanaço, os mesmos hábitos como se acatasse a instabilidade de sua condição. E mesmo “navegando pelo atribulado e atraente mundo da sinuca, o meninão chega de volta aos braços de sua mãe”, como ainda nos acrescenta Flávio Aguiar<sup>9</sup>. Após vê-la trazer-lhe o almoço no bar onde jogava e sair em seguida, sem ao menos repreendê-lo, Meninão do Caixote emociona-se e decide

parar com a sinuca depois de “dois anos de taco” (p. 98) e grandes vitórias. A emoção o domina e transparece a nós leitores, tornando-se necessária a transcrição do final memorável da narrativa:

O seu almoço.

Um frio nas pernas, uma necessidade enorme de me sentar. E uma coisa me crescendo na garganta, crescendo, a boca não agüentava mais, senti que não agüentava. Ninguém no meu lugar agüentaria mais. Ia chorar, não tinha jeito [...].

*O choro já serenando, baixo, sem os soluços.* Mas era preciso limpar os olhos para ver as coisas direito. Pensei, um infinito de coisas batucaram na cabeça [...].

Larguei as coisas e fui saindo. Passei a cortina, num passo arrastado. Depois a rua. Mamãe ia lá em cima. Ninguém precisava dizer que aquilo era um domingo... Apertei meu passo, apertei, apertando, chispei. Ia quase chegando.

Nossas mãos se acharam. Nós nos olhamos, não dissemos nada. E fomos subindo a rua<sup>10</sup>. (grifo nosso)

No ato da jovem personagem de “limpar os olhos” identificamos, por parte dela, a tentativa de uma “limpeza” ou mudança na própria vida que leva ao subversivo mundo da malandragem. A atitude de limpar significa o mesmo que retirar de si toda a nebulosidade que o encobre e, conseqüentemente, o impede de enxergar a realidade. Após a “limpeza”, ou melhor, a retomada de consciência, a personagem, apressadamente, alcança a mão de sua mãe e agarra-se à única coisa que lhe transmite segurança, a pessoa de sua absoluta confiança.

Diante do fragmento acima, podemos acrescentar que são os laços afetivos com sua mãe que o fazem abandonar a carreira de jogador e, agora recorrendo ao texto de Vânia Resende, “emocionado com a presença materna, quase chora”. Neste momento de sua reflexão, a autora menciona uma emoção que se aproxima do pranto. Todavia, podemos concretamente afirmar, através da citação acima, que a personagem não consegue reprimir tamanha comoção e chora verdadeiramente, “revelando-se um menino sensível e frágil na sua verdade íntima, em oposição ao jogador exímio, revestido de herói pelos adultos”.<sup>11</sup>

Somada à fragilidade infantil do narrador-protagonista, devemos ressaltar que o jogo para ele funciona como um brinquedo, a superação de um vazio e “evasão de um potencial lúdico”, como nos lembra Resende, haja vista “que jogava sem medo, porque era um menino” (p.88). A sinuca, encarada como um simples divertimento, o afasta da solidão que sente após a mudança de endereço e também provocada pela constante ausência do pai, caminhoneiro. Para os adultos, entre eles o malandro Vitorino, a sinuca tem o efeito de fuga da realidade social e de alienação às injustiças e privações.

Até o momento notamos, pela descrição do narrador-protagonista, que a narrativa é retrospectiva, pois, já de início, utilizando o recurso do *flash back*, Meninão do Caixote anuncia

que, após ter abandonado a sinuca e novamente inserido no sistema social, seu patrão e mestre Vitorino decaí completamente. Perdido sem o seu aprendiz, ele se entrega de vez à boêmia e as drogas:

Fui o fim de Vitorino. Sem meninão do Caixote, Vitorino não se agüentava.

Taco velho quando piora, se entreva duma vez. Tropicava nas tacadas, deu-lhe uma onda de azar, deu para jogar em cavalos. Não deu sorte, só perdeu, decaiu, se estrepou. Deu também para a maconha, mas a erva deu cadeia. Pegava xadrez, saía, voltava... E assim, o corpo magro de Vitorino foi rodando São Paulo inteirinho, foi sumindo. Terminou como tantos outros, curtindo fome quietamente nos bancos dos salões e nos botecos<sup>12</sup>.

Diante do exposto, podemos acrescentar que a temática da sinuca aparenta ser “uma dimensão nova” (p.88), uma fuga aos problemas domésticos e às frustrações da mãe e que o seu abandono, ao final, torna-se aparentemente positivo para a personagem, já que o devolve à normalidade de um garoto de sua idade e coloca fim às desavenças domésticas.

Sob tal perspectiva, a malandragem e os tipos que a constituem, representados na literatura do escritor João Antônio são observados pelo leitor de forma distinta. Seus malandros não são simples marginais e nem suas crianças meros aprendizes ou iniciantes na ilegalidade, porém constituem uma galeria humana impossibilitada de atuar de forma diversa por vários fatores, sendo deles o mais relevante o da exclusão social. Diante de uma realidade adversa que os engole e corrompe, os seres ficcionais do autor encontram na trapaça e astúcia os meios de viver ou melhor, sobreviver no sistema de organização social esmagador mostrado nas páginas da narrativa.

## Notas

<sup>1</sup> AGUIAR, Flávio. Evocação de João Antônio ou do purgatório ao inferno. In: *Remate de Males*. João Antônio (número especial). Campinas: Ed. Unicamp, Campinas, 1999, p.115

<sup>2</sup> ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço & Malhação do Judas Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, p. 89

<sup>3</sup> AGUIAR, Flávio. Op. Cit., p.115

<sup>4</sup> ANTÔNIO, João. Op. Cit., p. 88

<sup>5</sup> Idem, p.86

<sup>6</sup> Idem, p. 87,90,92

<sup>7</sup> RESENDE, Vânia Maria. *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1988, p. 229.

<sup>8</sup> [ANTÔNIO, 1963:90,91,92]

<sup>9</sup> AGUIAR, Flávio. Op. Cit., p.91.

<sup>10</sup> ANTÔNIO, João. Op. Cit., p. 98

---

<sup>11</sup> RESENDE, Vânia Maria. Op. cit, p.230.

<sup>12</sup> ANTÔNIO, João. Op. Cit., p. 8